

## ANÁLISE DA MALHA URBANA DE VILLA RICA DEL ESPIRITU SANTO (1589-1632) / FÊNIX-PR

Claudia Inês Parellada\*

PARELLADA, C.I. Análise da malha urbana de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632) / Fênix-PR. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 51-61, 1995.

**RESUMO:** Os objetivos principais desta pesquisa foram os de recuperar elementos da vida cotidiana e analisar a malha urbana da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo, de 1589 a 1632. A pesquisa utilizou-se de dados históricos e arqueológicos, já que existe vasta documentação histórica dos séculos XVI e XVII sobre Villa Rica, e as ruínas vêm sendo documentadas desde 1865. As ruínas da área urbana da segunda fundação de Villa Rica tem cerca de 300.000m<sup>2</sup> e tem a sua disposição espacial em forma de xadrez, onde as ruas cruzam-se em ângulos retos. Atualmente, as ruínas de Villa Rica localizam-se dentro do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, no município de Fênix-Paraná, Brasil.

**UNITERMOS:** Arqueologia Histórica – Cidade colonial espanhola – Análise espacial.

### Introdução

Em 1494, Portugal e Espanha celebraram o Tratado de Tordesilhas, que colocava o atual território paranaense, a oeste de Paranaguá, como sendo espanhol; esta era área denominada Província del Guairá (Cardozo, 1970: 14) (Figura 1). O Guairá era povoado principalmente por grupos indígenas Guarani, além dos Kaingang, que tiveram contato com os primeiros viajantes espanhóis, como Aleixo Garcia, em 1524, e Cabeza de Vaca, em 1542, comandantes de expedições que saíam do litoral brasileiro e pretendiam chegar ao Paraguai.

Villa Rica del Espiritu Santo foi a terceira comunidade fundada por espanhóis no século XVI, na então Província del Guairá. Esta vila teve sua primeira fundação em 1570, pelo capitão Melgarejo, em campos situados entre os rios Ivaí e Piquiri. Em 1589 (Univ.Cat.Asunción, 1984), Villa Rica

foi transferida do local pelo capitão Guzman para junto da foz do rio Corumbataí, no rio Ivaí, área atualmente do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, município de Fênix-PR, Brasil (Figura 2). A área urbana da segunda fundação era de cerca de 300.000m<sup>2</sup> (Figura 3) e ao redor desta cidade havia muitas chácaras para plantações de subsistência, além de grandes áreas de extração de erva-mate, nas quais se utilizava mão-de-obra indígena através do sistema de *encomiendas*. De 1610 até sua destruição pelos bandeirantes, em 1632, Villa Rica teve em suas proximidades várias reduções jesuíticas que tentavam catequizar os índios.

### Histórico da ocupação espanhola na Província del Guairá

O início da colonização do Guairá, segundo Bruxel (1960), deu-se talvez pelo desejo do governador de Assunção Irala de obter uma pacificação

(\*) Museu Paranaense.

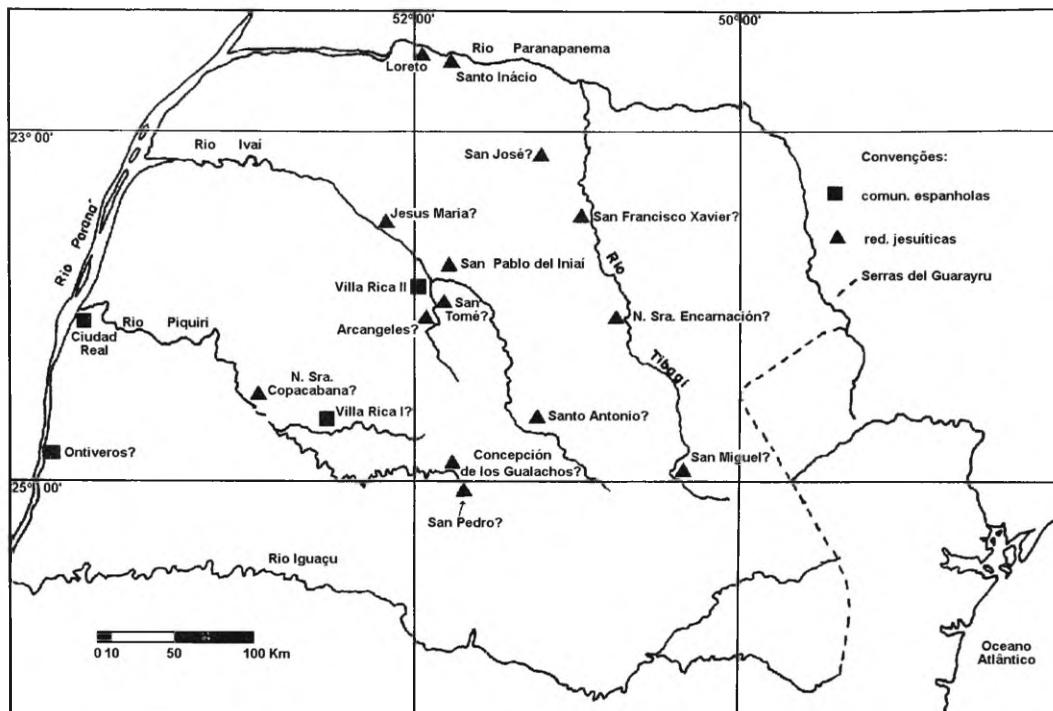


Fig. 1 – Mapa de localização da província del Guairá, com as comunidades espanholas e reduções jesuíticas do final do século XVI/início do XVII (modificado de Cardozo, 1970 e Chmyz, 1976).

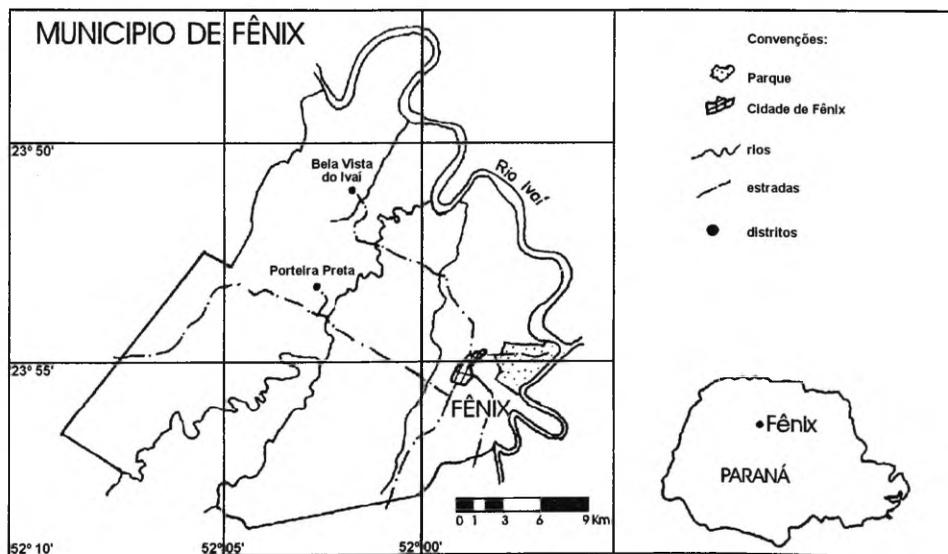


Fig. 2 – Mapa de localização do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, onde se localizam as ruínas da segunda fundação de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632).

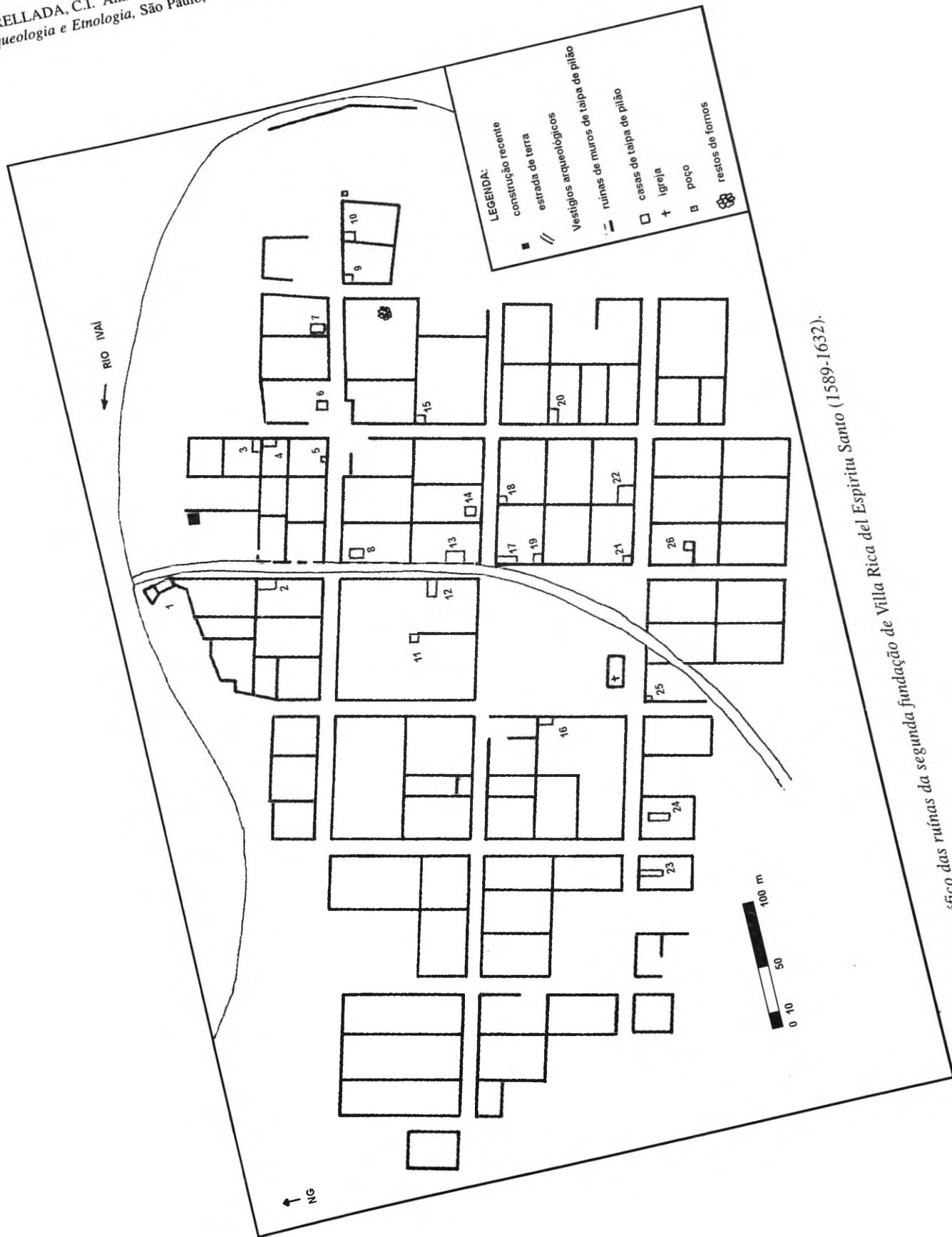


Fig. 3 - Mapa topográfico das ruínas da segunda fundação de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632).

política com grupos de oposição da sede de seu governo, que colocou para povoar esta área. Ellis Jr. (1944, *apud* Chmyz, 1976: 69) ressalta outras razões, como a busca de metais e pedras preciosas, pois em 1552 houve a proibição de expedições para a Serra da Prata, a necessidade de submissão dos índios daquela região, além de garantir o domínio espanhol das terras e uma saída para o Atlântico.

Em 1554, a mando de Irala, o capitão Vergara fundou a primeira vila espanhola do Guairá, Ontiveros, às margens do rio Paraná. Em 1556, Irala resolveu fundar uma segunda comunidade e, assim, enviou o capitão Melgarejo que, na foz do rio Piquiri no Paraná, ergue Ciudad Real del Guairá. Ali, segundo Guzman (*apud* Cardozo, 1970: 48), foram transferidos os poucos habitantes que ainda restavam em Ontiveros que, com isto, desapareceu.

Em fevereiro de 1570, o capitão Melgarejo decidiu fundar uma comunidade a leste de Ciudad Real, num local onde suspeitava existirem minas de ouro. Então, Melgarejo, com 40 homens e 53 cavalos, fundou a 60 léguas de Ciudad Real, em terras do cacique Coraciberá, Villa Rica del Espiritu Santo (Cardozo, 1970: 49). Em 1589, houve a transferência de Villa Rica por ordem do capitão Guzman para junto da foz do rio Corumbataí no Ivaí. Esta mudança foi considerada ruim pelos habitantes da cidade, pois no local da primeira fundação havia mais recursos naturais e mais índios, que trabalhavam sob o sistema de *encomienda* (Cardozo, 1970: 77). A principal atividade econômica na região era a extração da erva-mate, que sofria a concorrência dos ervais da Serra do Maracaju. Para a extração desta planta os espanhóis reuniam os índios encomendados em pueblos, localizados nas margens dos rios Ivaí, Corumbataí, Iniaí e Tibagi.

O Estado espanhol tinha uma profunda ligação com a Igreja e, já através dos textos das *Capitulaciones de la Real Provisión de 1526*, fizeram-se constar os fins espirituais da conquista, juntamente com os políticos, acentuando-se, desta forma, o caráter público das expedições de conquistadores (Capsdequi, 1957: 18). Assim, parece bem compreensível que, em 1607, o governador do Paraguai, Hernandarias de Saavedra, no seu relato a Felipe III, tenha insistido na importância da catequização de tribos indígenas do Guairá, por serem muito numerosas em relação à quantidade de espanhóis, pois, desta maneira, se conseguiria

com maior facilidade a conquista da região. Ainda nesta carta, Hernandarias informa que Ciudad Real e Villa Rica tinham, respectivamente, 30 e 100 colonos espanhóis e ao seu redor existiam cerca de 150.000 índios (Taunay, 1925: 284-305).

Desta forma, a Companhia de Jesus, incentivada pela Coroa espanhola, decidiu fundar algumas reduções de índios no Guairá. Em carta anual de 21 de fevereiro de 1628 (*apud* Cortesão, 1951: 258) são citadas três reduções próximas a Villa Rica: São José, São Paulo e Los Angeles.

Desde 1585, os bandeirantes paulistas atacavam a Província do Guairá para capturar índios (Taunay, 1924: 230). Porém, foi com a bandeira de 1632, cujos nomes dos comandantes ainda se tem dúvidas, que Villa Rica foi sitiada e seus moradores fizeram a sua transferência para a banda ocidental do rio Paraná. Com a notícia do cerco de Villa Rica, os habitantes de Ciudad Real abandonaram a cidade, ficando a Província do Guairá sob o poder dos bandeirantes paulistas, que, entretanto, não a colonizaram.

As próximas notícias que se tem de Villa Rica são de 1770, quando o governador da capitania de São Paulo, D. Luís Mourão, enviou uma expedição ao Paraná, comandada por Francisco Lopes da Silva, que percebeu a impossibilidade de fixação de colonos naquele local (Martins, 1944: 42).

### **Pesquisas realizadas na área urbana da segunda fundação de Villa Rica del Espiritu Santo**

Quanto às pesquisas realizadas no local, podemos citar a de Keller & Keller (1933: 4), que em 1865 confeccionaram um mapa das ruínas de Villa Rica, tecendo alguns comentários: “As casas eram na maior parte, se não todas, feitas de taipa (terra socada) e cobertas de telhas, de que encontram-se fragmentos alastrando o interior dos retângulos formados pelos restos das paredes, reduzidos hoje a montes de altura de um metro mais ou menos com taludes de terra desmoronada”.

Em 1896, o General Muricy com um grupo de políticos paranaenses fazem uma expedição a Villa Rica, pensando lá ser uma redução jesuítica cheia de tesouros. O grupo partiu de Curitiba e ficou decepcionado ao encontrar no local somente ruínas de taipa, fragmentos cerâmicos e escória de ferro, depois de fazer vários buracos (Muricy, 1975).

Em 1959/60, os arqueólogos Oldemar Blasi e Igor Chmyz pesquisaram a área, retirando material cerâmico, lítico e de ferro, e fazendo uma planta preliminar das ruínas de Villa Rica (Blasi, 1963). Como esta planta apresentava problemas, em 1968, Blasi e o desenhista Ney Barreto fizeram a retificação dos dados coletados em 1959/60. Entretanto, estes levantamentos topográficos haviam sido feitos com instrumentos inadequados e em tempo muito curto e, desta forma, não se tinha certeza sobre a real disposição espacial das ruínas.

Assim, a partir de julho de 1986, a equipe da Seção de Arqueologia do Museu Paranaense iniciou a confecção de uma nova planta baixa das ruínas de Villa Rica, através de equipamentos de maior precisão, como teodolito, mira, balizas, além de um piqueteamento sistemático (Parellada *et al.*, 1987). Neste levantamento pretendeu-se ainda a caracterização das áreas de atividades específicas; e conjuntamente a este trabalho foi realizado um estudo geoarqueológico de Villa Rica e seu entorno (Parellada, 1990).

Em 1991, esta pesquisadora fez uma monografia sobre Villa Rica (Parellada, 1993), na qual procurou recuperar elementos da vida cotidiana e analisar a malha urbana daquela cidade colonial espanhola durante o período de 1589 a 1632; caracterizando as relações sociais entre os espanhóis, índios Guarani e jesuítas que lá viveram, e as causas da destruição de Villa Rica pelos bandeirantes paulistas. Aquela pesquisa utilizou-se especialmente de dados históricos e arqueológicos, já que existe vasta documentação histórica do final do século XVI e início do século XVII sobre Villa Rica, e as ruínas vêm documentadas desde 1865. Ainda se tentou mapear as razões de os moradores de Fênix acreditarem que Villa Rica era uma redução jesuítica, além de se fazer um resgate dos significados que as ruínas de Villa Rica e o Parque Estadual possuíam para os cidadãos de Fênix com mais de quarenta anos de idade e que moravam na cidade há pelo menos vinte anos. Também, naquele trabalho, tentou-se avaliar os primeiros resultados que o Museu de História Natural e Arqueológico do Parque, inaugurado em 1990 e que tem assessoria do Museu Paranaense, vinham apresentando.

Neste trabalho apresenta-se dados desta monografia (Parellada, 1993) e informações inéditas obtidas nos anos de 1991 a 1993 por pesquisas realizadas na área urbana de Villa Rica del Espiritu Santo.

## **Análise urbana de Villa Rica del Espiritu Santo**

As cidades coloniais espanholas do final do século XVI, como Villa Rica del Espiritu Santo, segunda fundação, eram baseadas no modelo codificado na lei de 1573 de Felipe II, considerada a primeira lei urbanística da Idade Moderna. Este modelo, segundo Benévolo (1978: 112), seria um “enxadrezado de ruas retilíneas”, que definiam uma série de quadras iguais, quase sempre quadradas, sendo que no centro da cidade ficava a praça. Ainda ressaltava que os terrenos ao redor da praça não deveriam ser concedidos a particulares, mas sim reservados à Igreja, aos edifícios reais e municipais, às lojas e casas de mercadores, que seriam construídos por primeiro; o resto das parcelas edificáveis eram distribuídas aos colonos autorizados a construir ao redor da praça principal, e os outros lugares deveriam ser conservados para os colonos que chegassem posteriormente, ou para que a Coroa ou o município dispusessem delas para qualquer necessidade.

As ruínas representativas da área urbana da segunda fundação de Villa Rica del Espiritu Santo tem cerca de 300.000m<sup>2</sup> ( Figura 3). As construções em Villa Rica eram feitas principalmente em taipa de pilão e madeira, com coberturas de telhas de tipo colonial ou mesmo palha. Havia também algumas pequenas construções em alvenaria de pedra, como poços e fornos.

Atualmente, da estrutura urbana, o que se encontram são ruínas das paredes das casas e dos muros dos terrenos, edificações estas confeccionadas em taipa de pilão. Através do corte de um muro da parte central da cidade, observou-se como a taipa vem sendo destruída ao longo do tempo, principalmente pela ação das intempéries; tendo hoje forma trapezoidal e, em muitos locais, possuindo 0,60m de altura (Figura 4). A largura deste muro é de 0,60m e, por cálculos de volume, chegou-se à conclusão que este muro teria originalmente cerca de 1,80m de altura.

Villa Rica possuía ruas com 10 a 12m de largura, que se cruzavam em ângulos retos, e quase todas as quadras tinham dimensões de 100x100m (Figura 3). Estas quadras eram cercadas por muros construídos pela técnica da taipa de pilão, chegando a ter altura de 1,80m e largura de 0,60m, como já foi dito. Dentro das quadras havia divi-

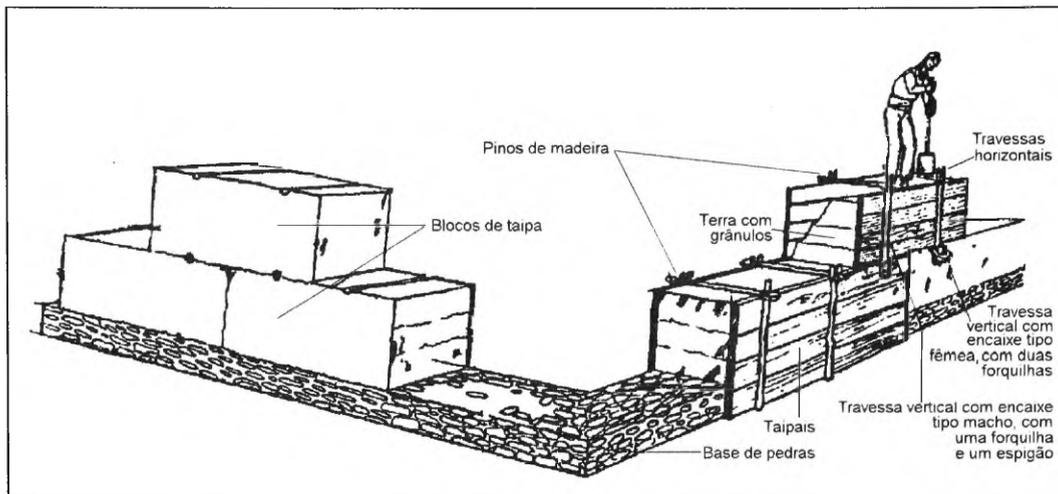


Fig. 4 – Construção de um muro em taipa de pilão (Blumme, 1985).

sões internas, delimitando terrenos, e no interior destas divisões é que se encontram vestígios de casas de taipa de pilão. A maior parte das 26 casas já topografadas são pequenas, com dimensões variando de 4 x 4m a 15 x 12m, conforme Tabela 1.

As casas têm três tipos básicos de localização espacial em relação ao muro de taipa de pilão, que delimita o terreno. Assim, das 26 casas já topografadas 14, ou seja 54%, situam-se junto às quinas dos muros, aproveitando as paredes dos muros como duas paredes da casa. Apenas quatro destas casas, cerca de 15%, localizam-se entre duas quinas, ou seja, aproveitam o muro como uma parede da casa. No interior dos terrenos existem oito casas já topografadas, ou seja, 31% do total levantado não utilizaram os muros como paredes da casa. É importante destacar que a documentação destas casas confeccionadas em taipa de pilão continua a ser realizada, pois as pesquisas em Villa Rica pelo Museu Paranaense ainda estão em desenvolvimento.

Uma casa, a de número 16 na Figura 3, situada em quadra ao redor da praça, foi escavada parcialmente em janeiro de 1991, chegando-se ao nível das telhas. A casa tinha dois cômodos, sendo que, no mais ao norte, as telhas começaram a aparecer a 0,2m de profundidade e, no mais ao sul, a 0,5m. No cômodo norte foi observada uma estrutura de argila cozida próxima à parede da casa, que

TABELA 1

Dimensões das ruínas das casas de taipa de pilão levantadas até 1993, junto à área urbana da segunda fundação de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632).

Número de Casa (conforme figura 3)	Dimensões (metros)
1	11 x 13
2	7,5 x 4
3	6 x 10,5
4 e 8	6 x 8
5	4 x 5
6	8 x 8
7	5,5 x 11
9 e 26	7 x 8
10	7,5 x 9,5
11 e 15	6 x 6,5
12	10 x 14
13	10,5 x 13
14	7 x 7
16	4 x 10,5
17	7 x 16
18	5 x 7
19	5,5 x 8
20	10 x 12
21	6,5 x 7
22	12 x 15
23	5 x 18
24	6 x 16
25	4 x 4

talvez esteja relacionada a um fogão. Na parte sul ocorriam, a 0,1-0,2m de profundidade, fragmentos cerâmicos dispersos relacionados à Tradição Arqueológica TupiGuarani, e que podem revelar uma ocupação tardia da área por populações Guarani, muito depois da destruição de Villa Rica, ou simplesmente poderiam ter sido originados por ação antrópica recente.

No canto sudoeste da praça central estão as ruínas da igreja, que tinha aproximadamente dimensões 27 x 15m e que foi construída pela técnica da taipa de pilão, com cobertura de telhas tipo colonial, e certamente beirais. Esta igreja dedicada a São João Batista era da Companhia de Jesus, tendo três naves (Cortesão, 1951: 19). Uma tentativa de reconstituição da parte frontal da igreja foi feita por Parellada (1993), com dados do volume das ruínas das paredes da igreja, e por comparação com informações históricas e igrejas construídas na mesma época.

Havia um cemitério na praça, ao lado da igreja matriz, local descrito nos autos do processo contra o capitão Francisco Benitez de Villa Rica, datado de 26 de novembro de 1631 : "... lo prendio en la calle junto a su casa y de alli lo trayo a la carcel publica donde se salio huyendo y se fue a meter en el sementerio de la yglesia en todo lo qual el dicho capitan francisco benites dio muy grande escandalo a toda esta plasa y gente y soldados que en ello avia y sin esto dentro de Vreve rrato se desaparicio del dicho sementerio y no pudo ser hallado y vido..." (*apud* Taunay, 1925a: 323).

Então, provavelmente ao redor da praça deveriam existir também a cadeia pública e o Cabil-do (prefeitura); além das duas casas de religiosos: de mercedários e de jesuítas, citados em Taunay (1924: 232).

Na parte leste da cidade, foram identificadas construções em alvenaria de pedra: um poço para captação de água e fornos para fundição de metais. O poço tem forma quadrada, com 1,5m de lado externo e profundidade desconhecida, pois atualmente se encontra entulhado. Foi construído com blocos de basalto, de dimensões 0,25-0,30 x 0,30 x 0,20m. Quanto às estruturas de pedra caracterizadas como fornos, ainda são necessárias escavações de detalhe na área, cabendo ressaltar a presença no local de inúmeros fragmentos de escória de ferro.

A taipa de pilão, principal técnica construtiva utilizada em Villa Rica, não é mais que uma mas-

sa de terra fortemente comprimida, da qual se fazem blocos ou pedras artificiais, através de um molde especial denominado taipal ou caixa (observar Figura 4). Segundo Monróes (1910), o tipo de solo ideal para se fazer a taipa seria uma terra argilosa, que contivesse um pouco de pedriscos, devendo ser retirados todos os restos de raízes, folhas e esterco. Aquele autor ainda observa que se as terras com que se faz a taipa fossem arenosas e devidamente umedecidas, sofreriam pouca retração e uma adesão tão forte que as preservariam da ação de chuvas e geadas. Alguns construtores espanhóis do século XIX ressaltavam a importância de molharem-se as terras muito secas com uma calda de cal, em vez de somente água.

Corral (*apud* Blumme, 1985) observa que as dimensões de taipais castelhanos e de Marrocos no início deste século eram de 0,60 x 2,50 x 0,90m; o que deveriam ser basicamente as dimensões dos moldes de Villa Rica. Afinal, as larguras das paredes de alguns muros, já definidos em Villa Rica, eram também de 0,60m.

A taipa de Villa Rica pode ser descrita como sendo sedimentos argilosos de coloração avermelhada, com pedriscos de basalto em seu interior, tendo o material sofrido forte compressão. A análise granulométrica da taipa de um muro de Villa Rica teve a seguinte composição: seixos de basalto (> 4mm) 68%, grânulos (2-4mm) 2%, areia e silte (0,062-2mm) 10%, e argila (< 0,062mm) 20% (Parellada, 1990).

A taipa por ser altamente erodível, segundo Lemos (1979), necessita de proteção permanente de grandes telhados ou largos beirais, surgindo assim a necessidade de telhas cerâmicas de canal, o que explica a sua utilização em larga escala em Villa Rica. Já foi caracterizada a presença de telhas de canal na maior parte das casas topografadas. As telhas de algumas construções, como a igreja, afloram à superfície, enquanto que em outras partes das ruínas elas aparecem somente a 0,5m de profundidade.

As telhas encontradas em Villa Rica são do tipo colonial de encaixe e de cumeeira. São bem queimadas, mas apresentam coloração variada, desde bege até laranja forte, mostrando que foram utilizadas ou várias jazidas de argila, ou diferentes pontos de uma mesma jazida, não ocorrendo preocupação com a composição química da argila da qual seria confeccionada a telha.

Ocorrem também estruturas subterrâneas dentro da área urbana, locais de onde deve ter sido

retirada a argila necessária para confeccionar as edificações em taipa de pilão. Muitas destas cavidades provavelmente foram utilizadas como lixões, ou mesmo para fazer casas subterrâneas para os índios Guarani. Algumas destas cavidades já foram mapeadas, tendo diâmetros de 3 a 10m, e profundidade variável de 1 a 3m. Em algumas delas fizeram-se escavações preliminares e coletaram-se fragmentos cerâmicos típicos da Tradição Arqueológica TupiGuarani, sendo que em parte destas estruturas coletaram-se fragmentos de telhas.

Ao redor da cidade propriamente dita havia chácaras para plantação de subsistência, muitas com 500 passos de frente (650m) e 5000 passos de comprimento (6500m), como a doada para a Companhia de Jesus em 1594 (Cortesão, 1951: 18). Nestas chácaras faziam-se hortas e plantações de frutas, como videiras e laranjais.

Atualmente, os vestígios arqueológicos da área urbana da segunda fundação de Villa Rica (1589-1632) aparecem desde aflorando na superfície até a profundidade de dois metros, sendo que a camada arqueológica tem espessura variável ao longo deste sítio arqueológico. Em um dos perfis estratigráficos foram identificadas quatro fases de deposição e retrabalhamento, associados a ações antrópicas ocorridas após a destruição de Villa Rica del Espiritu Santo, em 1632, pelos bandeirantes. São níveis de carvão relativos a queimadas, intercalados com camadas de material retrabalhado originado por movimentos de massa, provocados pela retirada de cobertura vegetal. Estes escorregamentos reordenam o material superficial e sub-superficial, originando novas camadas, com vestígios recentes (cacos de vidro, latas) misturados com, por exemplo, fragmentos cerâmicos do século XVI.

Com os dados obtidos através de análise bibliográfica e pesquisas arqueológicas, podemos tentar definir preliminarmente os domínios públicos e privados da cidade, cabendo ressaltar que, para segmento da sociedade villariquenha, espanhóis com cargos políticos, espanhóis mais humildes como os artesãos, jesuítas e índios Guarani, estes domínios devem ser relativizados conforme o poder de cada um e a época.

Deve-se observar, conforme Ariès (1990: 8), que tratamos de indivíduos com características principalmente do final da Idade Média: "...as sociedades da comunidade senhorial, as sociedades linhagísticas, os laços vassalícos encerram o indivíduo ou a família num mundo que não é público

nem privado, nem no sentido que hoje damos a estes termos nem no que, sob outras formas lhes foi dado na época moderna". Assim, há uma mistura entre o público e o privado, havendo uma imposição crescente do Estado, e um enriquecimento e diversificação das profissões.

Assim, generalizando para os cidadãos de Villa Rica, podemos pensar em domínios mais públicos como as ruas, praças, igreja, cemitério, Cabildo, cadeia pública, rios e estradas, e domínios mais privados como as casas, terrenos e chácaras.

### O cotidiano da cidade

Villa Rica II foi construída em terras habitadas por tribos Guarani, pois alguns caciques desta cultura tinham uma relação de amizade e aliança com os espanhóis; afinal, os europeus possuíam uma superioridade tecnológica (como as armas de fogo e a fundição de metais), uma melhor organização administrativa e protegiam as tribos submetidas à Coroa de Castela de índios inimigos. Cabe destacar que houve também resistência de muitas tribos Guarani que chegaram a guerrear com os espanhóis, e outras que migravam para terras ainda não conquistadas pelos europeus. Os índios voluntariamente submetidos ou vencidos pelas armas reais, ou pelos esforços individuais dos conquistadores, eram utilizados pelos espanhóis através do sistema de *encomiendas* na extração de erva-mate, quando eram reunidos em *pueblos (mita)*, ou em serviços domésticos (*yanáconas*) na área urbana de Villa Rica.

O governo espanhol para a conquista da Província do Guairá, de uma forma mais fácil, vai usar a religião através dos jesuítas. Porém, os jesuítas quando iniciam a formação de reduções acabam abrigando índios fugidos dos *pueblos de los encomenderos* e da própria Villa Rica. Assim, a mão-de-obra começa a diminuir, e há conflitos entre espanhóis e jesuítas, sendo que os primeiros cobram a necessidade do retorno dos índios para a extração da erva-mate. A consequência desta relação de oposição vai ser o enfraquecimento tanto das reduções, que já não recebem mais armas dos espanhóis para se defenderem dos assaltos dos bandeirantes, como o das cidades espanholas, que praticamente se afundam em dívidas pois não têm tantos braços indígenas para extrair a erva-mate.

O mais detalhado relato sobre Villa Rica del Espiritu Santo no início do século XVII é o da car-

ta do Governador da Província do Paraguai, Don Luís de Céspedes Xeria, descrevendo sua visita ao Guairá, distrito do Paraguai, para o rei Felipe IV (Archivo de Índias, *apud* Taunay, 1925a: 191). Naquele documento Xeria destacava a pobreza de Ciudad Real e Villa Rica. Em matéria de vestuário só viu índios e brancos maltrapilhos; até mesmo *os alcaldes y regidores benian vestindo lienço de algodón tenido de negro y esto muy roto. Las mujeres y hijos destes andan vestidos de la misma hasta las camisas*. Havia também pouca abundância de víveres, além de umas raízes chamadas yucas (mandioca), só existiam laranjas e algum milho; não tendo nem gado nem ovelhas. O Governador contava que Villa Rica tinha cerca de 130 homens com muitos velhos e Ciudad Real, 40 homens; e que perto de Villa Rica existiam cerca de doze a catorze mil índios, mais da metade reduzidos e os demais a reduzir. Na mesma carta Xeria ainda observava que os edifícios públicos caíam, reinava a fome nas famílias brancas que emigravam uma após a outra. A justificativa dada pelos colonos desta extrema miséria era que a maior parte dos índios, que trabalhavam pelo sistema de *encomienda* para os villariquinhos, estavam refugiando-se nas reduções jesuíticas, onde tinham a proteção dos padres.

Podemos também tentar visualizar o cotidiano através de dados obtidos nas pesquisas arqueológicas e ambientais. Assim, os recursos minerais existentes na área e utilizados pelos europeus eram a argila magra para a confecção de vasilhames cerâmicos e telhas, cascalho e argila gorda usados como material de construção (taipa de pilão), e os basaltos maciços e diferenciadas ácidas para confeccionar mós e construções em alvenaria de pedra. Além disso, era feita a extração de ferro de minas da parte média do rio Piquiri, sendo que este minério era fundido em Villa Rica para a confecção de moedas e ferramentas. Estas minas são citadas em documentos espanhóis dos séculos XVI e XVII, mas ainda não se tem a sua efetiva localização.

Os índios residentes dentro da área urbana de Villa Rica del Espiritu Santo utilizavam preferencialmente como matéria-prima para a produção de artefatos líticos as litologias da área, como: arenito silicificado (39,5%), diferenciadas ácidas (30,2%) e basaltos (20,2%). Foram encontrados principalmente lascas, raspadores, unifaces, bifaces, lâminas de machado lascado e polido, além de um adorno peitoral de argilito, que deve ter sido trazido de outro local (Parellada, 1990).

Tanto os espanhóis como os indígenas confeccionavam a cerâmica com a argila da área, porém como os europeus usavam o torno para fazer os vasilhames, os seus antiplásticos tinham textura mais fina que os indígenas. Os Guarani usavam, na confecção da cerâmica, sedimentos argilosos com grãos de quartzo, hematita e feldspato com diâmetro máximo de 40mm, e ainda acrescentavam fragmentos de cacos moídos e carvão vegetal. As técnicas de manufatura indígenas eram o acordelado, o roletado e o modelado. Blasi (1963) cita que a maior parte dos indícios de Villa Rica eram utensílios de feições marcadamente ocidentais, sendo que existem dois traços característicos da influência européia: presença de alças bilaterais, fixadas indiretamente, e bases perfeitamente planas.

Com o declínio do poder dos jesuítas e espanhóis, os bandeirantes paulistas percebem que a Província do Guairá era um alvo fácil para captura de índios, e no final até para o domínio do território. Cabe ainda ser comentada a cumplicidade do governador do Paraguai, Xeria, que se casando com uma portuguesa do Rio de Janeiro, estabeleceu claras relações de aliança com os portugueses, e acabou permitindo que a Coroa espanhola perdesse um território já colonizado. Também havia a cooperação de alguns espanhóis com os paulistas, devido aos inúmeros casamentos realizados, além de alguns caciques guairenhos que, pretendendo alcançar o poder através das mãos dos bandeirantes, serviam de guias e ajudavam no extermínio de sua própria cultura.

Desta forma, apesar da união da Coroa portuguesa à espanhola, nos territórios de conquista os vassallos de uma Coroa não podiam invadir o poderio de outra; o que os portugueses não respeitaram, avançaram os limites, pois pretendiam a captura fácil de mão-de-obra indígena para trabalhos escravos.

Em 1632, depois de alguns meses com a cidade sitiada pelos bandeirantes paulistas, chegou em agosto o Bispo de Assunção Aresti, que vendo o estado deprimente dos habitantes de Villa Rica e a impossibilidade de resistência por mais tempo, decidiu a transferência da cidade para além do rio Paraná. A 20 de outubro de 1632 já estavam os retirantes do outro lado do rio Paraná em Tapuytá, nas proximidades da Serra do Maracaju (Taunay, 1925b: 148).

Com isto aconteceu a retirada definitiva dos espanhóis da Província do Guairá, sendo que as

reduções já haviam se acabado na área em 1631, algumas destruídas pelos bandeirantes, outras simplesmente abandonadas.

## Conclusões

Villa Rica del Espiritu Santo, cidade colonial espanhola do final do século XVI, teve a sua segunda fundação conforme modelo codificado na lei de 1573, de Felipe II, ou seja, tem o mesmo traçado urbano de outras cidades da América espanhola fundadas na mesma época, como Caracas, na Venezuela.

As ruínas da segunda fundação de Villa Rica são, dentre os sítios arqueológicos relativos à ocupação espanhola na Província do Guairá no século XVI, as que se encontram em melhor estado de preservação e, portanto, as que têm as maiores condições de fornecer subsídios para a compreensão do desenho urbano e da disposição espacial dos vestígios arqueológicos.

Afinal, dentro da Província del Guairá, Villa Rica foi a única cidade que seguiu este padrão desde o seu planejamento, pois teve a sua segunda fundação em 1589, portanto, após a lei de 1573; tanto Ontiveros como Ciudad Real tiveram a sua fundação anterior a essa data, 1554 e 1556, respectivamente.

Ainda deve ser ressaltado que devido ao bom estado de conservação deste sítio histórico, está sendo possível a recuperação de dados fundamentais para a compreensão do cotidiano dos habitantes de Villa Rica del Espiritu Santo, com maior profundidade e muitas vezes distinto do que é descrito nos documentos históricos.

## Agradecimentos

À Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, ao Museu Paranaense, ao Instituto Ambiental do Paraná e ao Prof. Dr. Igor Chmyz.

PARELLADA, C.I. Analysis of urban net of Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632) / Fênix - PR. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 51-61, 1995.

**ABSTRACT:** The main aims of this research are to recover the everyday life elements and analyze the net of the Spanish colony called Villa Rica del Espiritu Santo, in the period between 1589 and 1632. Historical and archeological data were used for the research, as there is a large number of historical documents from the sixteenth and the seventeenth century, and the ruins have been studied by since 1865. The ruins of urban area of Villa Rica second foundation have 300.000m<sup>2</sup>, and a spatial disposition like a chessboard, where the streets cross in right angles. Nowadays Villa Rica are located in Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, in Fênix, Paraná State, Brazil.

**UNITERMS:** Historical Archaeology – Spanish Colonial village – Spatial analysis.

## Referências bibliográficas

- ARIÈS, P.  
1990 Para uma história da vida privada. *História da Vida Privada*. 3. Ed. Melhoramentos, Portugal: 7-19.
- BENÉVOLO, L.  
1978 *Diseño de la ciudad- 4/ El arte y la ciudad del siglo XV a XVIII*. Ed. G. Gilli, México.
- BLASI, O.  
1963 Aplicação ao método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Vila Rica do Espírito Santo- Fênix-PR. *Bol. UFPR/ Dep. História*, Curitiba, 4: 1-13.
- BLUMME, H.  
1985 *Cobijo*, 3º reimpr. Graficincio, España.

- BRUXEL, A.  
1960 O gado na antiga banda oriental do Uruguai. *Pesquisas: História*, São Leopoldo, 13: 1-110.
- CAPSDEQUI, J.M.O.  
1957 *El estado español en las Indias*. 3ed. Fondo Cultura Economica, Mexico.
- CARDOZO, R.I.  
1970 *El Guairá, historia de la antigua provincia (1554-1676)*. El Arte, Asunción.
- CHMYZ, I.  
1976 Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real de Guairá. *Cadernos de Arqueologia*, Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, 1: 7-103.
- CORTESÃO, J.  
1951 *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*. Biblioteca do Museu Nacional, Div. de Obras Raras e Publicações (Manuscritos da Coleção De Angelis 1), Rio de Janeiro.
- KELLER, J.; KELLER, F.  
1933 *Exploração da região noroeste do estado do Paraná entre os rios Ivaí e Paraná*. Dep. de Terras do Estado do Paraná, Curitiba.
- LEMOS, C.A.  
1979 *Arquitetura brasileira*. EDUSP, São Paulo.
- MARTINS, R.  
1944 *Terra e Gente do Paraná*. Diret. Reg. do Estado do Paraná, Curitiba.
- MONRÓES, J.  
1910 *El constructor moderno, arquitectura y albañería*. Barcelona, Madrid.
- MURICY, J.C.S.  
1975 *Viagem ao país dos jesuítas*. Imprensa Oficial do Paraná, Curitiba.
- PARELLADA, C.I.  
1990 Levantamento geoarqueológico de Vila Rica do Espírito Santo. *Anais 36º Congresso Brasileiro de Geologia*, Natal, 2: 1095-1106.  
1993 Villa Rica del Espíritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense/nova série arqueologia*, 8: 1-58.
- PARELLADA, C.I.; MACEDO, C.M.A.S.; MARANHÃO, M.F.C.; PONTES, A.  
1987 *Mapa topográfico parcial das ruínas de Vila Rica do Espírito Santo*. Curitiba, Museu Paranaense.
- TAUNAY, A.E.  
1924 *História geral das bandeiras paulistas*. Tomo I. Typ. Ideal, São Paulo.  
1925a Documentação espanhola. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, tomo II, 2ª parte.  
1925b *História geral das bandeiras paulistas*. Tomo II. Typ. Ideal, São Paulo.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA ASUNCIÓN  
1984 La demografía paraguaya: aspectos soc. y quant. (siglos XVI-XVIII). *Suplemento Antropológico*, XIX (2), Paraguay.

Recebido para publicação em 20 de setembro de 1995.